



A comunidade virtual *Skoob*: um novo meio de comunicação sobre livros, leituras e leitores

Larissa Akabochi de Carvalho

Giulia Crippa

Resumo

A comunidade virtual *Skoob* foi criada no Brasil, em 2009. Ela atua como mediadora da informação entre indivíduos que procuram compartilhar as suas leituras, conhecer novos livros e dividir as suas impressões a respeito deles. Desse modo, a troca de informações sobre as obras pode interferir nas escolhas das leituras, como se vê em uma perspectiva de Teorias da Recepção e do Efeito ancoradas em dois princípios: que a leitura é historicamente construída, de acordo com o tempo e o espaço; e que o ato da leitura depende de uma interação entre o texto e o leitor. Cada obra literária, segundo a Teoria do Efeito, carrega consigo leitores implícitos, os quais deixam nela a sua "marca". Assim, embora cada leitura seja uma atividade particular e cada leitor produza um significado sobre ela, as ferramentas do *Skoob* proporcionam a criação de novas "marcas", interferindo no processo de recepção da obra. Com efeito, os bibliotecários podem participar de uma comunidade como esta para, entre outras atividades, divulgar as novas aquisições de livros e elaborar sinopses a fim de incentivar a leitura e interagir com os usuários, fazendo deste ambiente virtual um novo meio de comunicação entre o público e a unidade de informação.

Palavras-chave: Leitura. Mediação da Informação. Teoria da Recepção. Teoria do Efeito. *Skoob*.

Introdução

O desenvolvimento da tecnologia modificou as nossas relações com o acesso ao conhecimento. As comunidades virtuais, possíveis de existir graças às plataformas tecnológicas, modificaram as formas de circulação e apropriação da informação, inclusive aquela relativa aos livros e à leitura. Neste artigo, iremos relatar sobre uma comunidade que se orienta, especificamente, para o compartilhamento de livros e de leituras, procurando observar as dinâmicas que ela estabelece nas relações entre livros, leitores e, principalmente, nas novas formas de mediação da informação sobre a leitura.

Podemos dizer que a mediação torna-se presente, na comunidade *Skoob*, porque há um espaço para o compartilhamento de leituras realizadas. Os usuários, através de comentários, avaliações e resenhas a respeito das suas leituras e das leituras de outros usuários, atuam como mediadores da informação entre si. Deste modo, entendemos a mediação não apenas como algo inerente aos profissionais da informação, mas também no sentido das próprias interações entre os usuários no interior das comunidades virtuais. Assim, as ferramentas da *Skoob* são capazes de influenciar nas escolhas de nossas leituras, interferindo no processo de recepção das obras literárias.

Desse modo, com base nessas reflexões iniciais e nas teorias do efeito e da recepção, analisamos as práticas de mediação da informação através do estudo de uma comunidade virtual de leitores, o *site www.skoob.com.br*. Pretendemos avaliar a funcionalidade do *site* e a relação que os leitores estabelecem com as suas páginas, explorando o entrelaçamento que se constitui entre o suporte tecnológico, o qual permite formas específicas de “interação” na produção da informação sobre livros, e os perfis de leitura.

Por fim, acreditamos que este ambiente virtual também pode ser utilizado como ferramenta de trabalho pelos bibliotecários. Através de uma comunidade como esta, é possível interagir com os leitores de modo

a ampliar os canais de comunicação entre o público e a unidade de informação.

A mediação da informação através da comunidade virtual *Skoob*

A comunidade *Skoob* possui, atualmente, mais de 850.000 usuários cadastrados (SOUSA, 2013). Ela foi criada no Brasil, em janeiro de 2009, pelo desenvolvedor Lindenberg Moreira, é direcionada para leitores e o seu nome remete à palavra “*books*” ao contrário. Através de um cadastro gratuito, possibilita que o usuário crie a sua “estante virtual”, organizando os seus livros em cinco campos específicos: lido, lendo, vai ler, relendo e abandonou. Há ainda um campo para as resenhas e avaliações do usuário. Estas avaliações podem ser feitas por meio de notas (de 0 a 5) ou comentários pessoais (denominados no *Skoob* como resenhas) a respeito das leituras.

Ainda como ferramentas de interação, o usuário pode acrescentar uma foto ao seu perfil, enviar e receber recados, criar e participar de grupos, “seguir” ou “ser seguido” pelas pessoas, classificar os seus livros em “favoritos”, “tenho”, “desejados”, “emprestados” e “troco”. Estas classificações existem para ilustrar melhor a “estante virtual” de cada um e facilitar os processos de troca e empréstimo de livros entre os usuários. Caso algum livro não esteja cadastrado na base de dados da *Skoob*, o próprio usuário pode cadastrá-lo. Existe ainda a possibilidade de se colocar a meta de leitura e visualizar, através do “paginômetro”, quantas páginas foram lidas até o momento.

Mas, uma ferramenta que diferencia a comunidade *Skoob* das outras comunidades semelhantes a ela (como *Anobii*, *Shelfari*, *LibraryThing* e *Goodreads*) é a que nos diz a porcentagem de quantos homens e de quantas mulheres leram uma determinada obra. Além disso, de acordo com Viviane Lordello, sócia de Lindenberg Moreira e co-fundadora da rede, 65% dos usuários cadastrados são mulheres, 43% estão entre 15 e 35 anos e 41% são da cidade de São Paulo (VANESSA, 2012).

É possível dizer também que ela funciona como mediadora da informação entre indivíduos que procuram compartilhar as suas leituras, conhecer novos livros e dividir as suas impressões a respeito deles. Segundo Moraes (2001, p. 116), “qualquer suporte que dissemine informações favorece, em maior ou menor grau, a socialização da cultura – e parece indubitável que a infraestrutura das redes constitui um poderoso canal de distribuição”. Cria-se, na comunidade virtual *Skoob*, uma verdadeira troca de conhecimentos em relação a livros, leituras e leitores, ou seja, particularidades que envolvem, praticamente, todos os seus usuários.

Almeida Jr. (2009), por sua vez, pensa a mediação da informação como inerente ao profissional da informação, isto é, como

toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional (ALMEIDA Jr., 2009, p. 92).

Já o determinismo tecnológico, vê apenas o lado positivo e constante da tecnologia e supõe que a rede acabaria com a mediação. Vaz (2001), por outro lado, diz que a internet coloca em crise um tipo de mediador, mas abre a possibilidade de outros. Ao invés de nos preocuparmos com a presença ou ausência de mediação, o melhor seria reconhecer e diferenciar as formas de mediação que podem existir na internet.

Todavia, embora reflita sobre as diferentes maneiras de ser um mediador na rede, Vaz (2001) ainda não cita os usuários como mediadores. Ele comenta que a mediação na internet pressupõe novas habilidades e atribuições. Neste sentido, o mediador deve assegurar a credibilidade das informações em meio ao excesso informacional; realizar um atendimento rápido e personalizado aos seus usuários e promover a interatividade, respeitando as opiniões do usuário.

Mas, o foco de Vaz (2001), aparentemente, são as atividades de mediação ligadas ao comércio e realizadas pelos profissionais da área. Ele também compara as atividades do mediador na rede com as do mediador associado aos meios de comunicação de massa. Diferente deste, aquele não pode selecionar as informações que entrarão no espaço público da rede. Ao contrário, deve conter várias informações para atender às demandas de cada indivíduo. Afinal,

(...) o valor da mediação, especialmente dos sites comerciais, reside primariamente na distribuição de informações, oferecendo muitas e facilitando a rápida apropriação individual. (...) Contudo, o vínculo entre filtro, excesso de informação e disputa pela atenção não precisa ter como única consequência a personalização e o conforto na forma da viagem simplificada, sem surpresas. O resultado pode ser também o aprofundamento de informações, a descoberta de preciosidades e a ampliação dos interesses de comunidades (VAZ, 2001, p. 56).

Para Davallon (2007), o senso comum atribui dois sentidos à mediação da informação. O primeiro pressupõe um conflito entre partes e comporta uma ideia de acordo ou de reconciliação. Já o segundo, e mais recorrente para o autor, seria a ação de servir de intermediário ou de ser o que serve de intermediário. Neste sentido, não haveria apenas uma interação ou uma simples relação, mas a passagem para um estado mais satisfatório. Ou seja, a mediação produziria algo a mais.

Ainda de acordo com Davallon (2007), existem cinco categorias de mediação: a mediática, a pedagógica, a cultural, a técnica e a social. A semelhança entre elas consiste na presença de um terceiro elemento, o qual seria a marca distintiva da mediação. Através desta classificação, podemos pensar também que "cada domínio de investigação possui o seu próprio uso – ou mesmo a sua própria definição – de mediação" (DAVALLON, 2007, p. 09).

Desse modo, não existiria um consenso e a ação do mediador seria contextualizada. A abordagem sociológica, por exemplo, que sobretudo se refere às mediações sociais, é a que costuma tratar do "efeito" das novas

tecnologias, tanto nas empresas como nas redes sociais (DAVALLON, 2007).

Bourdeaux (2003 apud ALMEIDA 2008, p. 12), por sua vez, diz que o modelo da mediação deriva de uma evolução necessária em relação a dois outros modelos: “o da transmissão de informações, apoiado no par emissor - receptor (...) e o da interação, no qual a comunicação é definida como a resultante das interações entre os sujeitos sociais”. De acordo com Almeida (2008, p. 12), essa evolução provém de um movimento mais geral que dá maior importância ao papel dos públicos e usuários e à democratização cultural, bem como aos dispositivos e às redes.

Visto por esse lado, a mediação da informação não seria realizada apenas pelo profissional da informação, como aponta Almeida Jr. (2009), mas qualquer consumidor cultural poderia realizar esta ação através da interação com outros públicos e usuários em uma determinada rede social. A tecnologia, deste modo, teria aberto “novas possibilidades para a produção, circulação e fruição cultural” (ALMEIDA; CRIPPA, 2009).

O que ocorre, diferentemente de épocas anteriores, é que as TICs configuram agora a possibilidade de criação de espaços menos hierárquicos de circulação dessas informações, podendo fazer de cada consumidor cultural um potencial crítico ou mediador da informação (ALMEIDA; CRIPPA, 2009, p. 11).

De acordo com Castells (2003), a tecnologia propiciou um novo padrão de sociabilidade, baseado no individualismo em rede. No entanto, não podemos dizer que foi a internet quem criou esse padrão. Ela apenas forneceu um suporte material adequado para a difusão do individualismo em rede como a forma dominante de sociabilidade. O termo individualismo, nesse caso, não é semelhante a um acúmulo de indivíduos isolados. Afinal, eles montam as suas redes de acordo com valores, interesses, afinidades e projetos em comum. Para Castells (2003, p. 109), quando elas se estabilizam em sua prática, podem formar “comunidades, comunidades virtuais, diferentes das físicas, mas não necessariamente menos intensas ou menos eficazes na criação de laços e na mobilização”.

A Teoria do Efeito e a Teoria da Recepção

No final da década de sessenta, nasceu uma nova corrente da Teoria Literária denominada Estética da Recepção. Ela foi exposta, pela primeira vez, por Hans Robert Jauss na Universidade de Constança – Alemanha. A sua essência baseia-se no deslocamento do eixo de investigação da mensagem, para a recepção do leitor (MENESES; TRIDADE, [2000?]). Ou seja, a leitura passaria a ser vista como um processo de interação entre o texto e os seus respectivos leitores.

Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser acreditam que o texto só existe a partir da atuação do leitor. Porém, enquanto Jauss defende uma Teoria da Recepção ancorada nos juízos históricos dos leitores, Iser nos fala sobre uma Teoria do Efeito, em que “o texto apresenta uma estrutura de apelo que colabora para o efeito e reação do leitor frente à obra” (SENKO; SOARES, 2007, p. 4).

A crítica de Jauss à história da literatura baseia-se no fato de que, habitualmente, a teoria literária classifica as obras de acordo com tendências gerais, ora abordando-as individualmente em uma sequência cronológica de correntes e autores, ora seguindo um cânone literário sem deixar espaços de reconhecimento para autores menores. Ao agir dessa maneira, Jauss diz que a história da literatura deixa de contemplar a historicidade das obras, desconsiderando o lado estético da criação literária. Além disso, ele pensa que as análises literárias deveriam se centralizar no leitor, deixando o texto e o autor em segundo plano (COSTA, 2009).

Nesse sentido, Jauss (1979) divide a experiência estética em três atividades: *poiésis* (momento de produção), *aisthesis* (momento da recepção) e *katharsis* (comunicação). Na primeira, ocorre o preenchimento dos vazios do texto a partir da interação entre autor e leitor/receptor. Na segunda, a obra causa um efeito sobre o leitor, o qual reconhece os elementos apresentados e transforma a sua percepção de mundo. Já na terceira, há um processo de identificação do expectador,

fazendo com que ele assuma um novo comportamento social e reflita as ideias anteriores.

Hans Robert Jauss, portanto, centralizou os seus estudos na fenomenologia da resposta pública ao texto, considerando que os leitores são historicamente definíveis de acordo com o tempo e o espaço. Wolfgang Iser, por outro lado, buscou compreender o ato individual da leitura. Os seus estudos sobre a Teoria do Efeito tiveram origem nas concepções de Roman Ingarden. Este autor, ao pensar no modo como entendemos as obras de arte, disse que existem pontos de indeterminação a serem concretizados, rompendo com a visão tradicional da arte como mera representação. Ele chamou a atenção para a estrutura de recepção da obra, embora não tenha pensado nisso como um conceito da comunicação (ISER, 1979).

Em consequência, a concretização é apenas a atualização dos elementos potenciais da obra e não a interação entre texto e leitor; por isso os pontos de indeterminação levam apenas à sugestão de uma complementação não dinâmica, não sendo pensados como a condição para o processo dinâmico em que o leitor muda de uma perspectiva textual para outra (ISER, 1979, p. 103).

Para Iser (1979), é improvável que Ingarden pensasse no valor estético como um princípio vazio, em que o leitor pudesse constituir um mundo não determinado pelos dados do mundo conhecido. Afinal, uma produção comunicativa do valor estético vai de encontro com os conceitos de concretizações adequadas e normas clássicas da harmonia, propostos por Ingarden. Pela visão de Iser (1979), é neste ponto que encontramos as duas principais desvantagens desse autor. Primeiro, ele não aceita a possibilidade de uma obra ser concretizada de maneiras diferentes e segundo, devido ao seu preconceito, não considera que a recepção de uma obra de arte poderia ser paralisada caso ela só pudesse ser concretizada de acordo com as normas da estética clássica.

Logo, partindo do conceito de pontos indeterminados formulado por Ingarden, Iser argumenta a respeito dos pontos vazios e da negação.

Ingarden conceitua os pontos vazios como hiatos deixados propositalmente pelo autor e que devem ser preenchidos pelo leitor. Em contrapartida, Iser (1979) diz que estes pontos não precisam, necessariamente, ser completados. Afinal, os espaços vazios se mostram como condição para a comunicação efetiva entre texto e leitor. A negação, por sua vez, outro conceito de Iser, corresponde à anulação das concepções consideradas corretas. Ela tem um papel comunicador porque “leva o leitor a questionar e refletir sobre aquilo que subjaz ao texto, transcendendo sua imanência” (COSTA, 2009).

Outro conceito muito importante estudado por Iser (1999) é o de leitor implícito, entendido como uma estrutura textual que nos oferece “pistas” para a condução da leitura real (ato estruturado). Deste modo, o texto antecipa os efeitos previstos sobre o leitor. No entanto, os princípios de seleção e as atualizações do texto são particulares a cada leitor.

A perspectividade interna do texto possui uma estrutura denominada por Iser (1999) como “estrutura de tema e horizonte”. Esta é responsável pela condução do ato da leitura, uma vez que o leitor, impossibilitado de escolher todas, escolhe entre uma e outra perspectiva, constituindo um tema. Já o horizonte passa a ser uma perspectiva superada, a qual serve como pano de fundo para o tema atual ou se transforma em um novo tema.

Durante a leitura, a perspectiva do leitor também pode divergir da perspectiva da obra, o que gera uma fusão dos horizontes de ambos e faz com que a leitura se transforme, efetivamente, em comunicação. Além disso, a leitura tem a capacidade de fazer com que o leitor se distancie de sua situação real e reflita sobre a mesma, deixando o que estava em segundo plano para primeiro plano. Iser denomina essas mudanças como “pontos de vista em movimento”, ou seja, uma variação das perspectivas do texto e do leitor (COSTA, 2009).

Expostas essas considerações a respeito da Teoria do Efeito e da Teoria da Recepção, é possível colocar a *Skoob* e as outras comunidades semelhantes a ela, na perspectiva de estudos voltados para a percepção

dos leitores que frequentam e comentam suas leituras nessas comunidades. Anteriormente, citamos o papel que elas possuem enquanto mediadoras de leitura e, de fato, isso acontece. Um papel interessante adquirem, nesse sentido, os comentários e as classificações que cada usuário elabora para suas leituras. Cada usuário desenvolve, com base nisso, percursos de leituras possíveis: talvez, a maioria somente lerá uma determinada obra se a mesma apresentar uma boa avaliação, ou não lerá, dependendo dos comentários a respeito dela.

Um livro não possui apenas um leitor implícito. Primeiramente, a sua estrutura textual está ancorada aos autores, os quais foram responsáveis por esta construção. Além disso, de forma geral, antes de chegarem às livrarias, os livros são revisados por outras pessoas e passam pelo processo de editoração. Ou seja, outros leitores já interagiram com eles antes que os mesmos fossem disponibilizados para o público. A Estética da Recepção, nesse sentido, nos alerta para o fato de que a *Skoob* se torna produtora de sentidos e de marcas de leitura. Nessa comunidade, nos deparamos com avaliações, resenhas e comentários, ou seja, indicadores que correspondem à finalidade das trocas de informação sobre livros e leituras.

Assim, a mediação na comunidade *Skoob* se mostra quando as suas ferramentas acabam influenciando na escolha das leituras, que perpassam todos esses marcos. Embora nem todos interajam com o livro da mesma maneira, produzindo diferentes significados sobre ele, em uma comunidade virtual como a *Skoob* estabelecem-se níveis de “confiança” entre leitores, conforme as teorias de Jauss e Iser.

Um novo meio de comunicação para os bibliotecários

Com efeito, os bibliotecários podem participar de uma comunidade como esta para, entre outras atividades, divulgar as novas aquisições de livros e elaborar sinopses a fim de incentivar a leitura e interagir com os

usuários, fazendo deste ambiente virtual um novo meio de comunicação entre o público e a unidade de informação.

A comunidade virtual *Skoob* também pode ser utilizada como uma das ferramentas para o estudo de usuários da biblioteca. Através de uma busca, no próprio site, a respeito dos leitores e leitoras de uma determinada cidade, por exemplo, é possível traçar os perfis de leitura de cada um deles, bem como interagir e verificar os produtos e serviços que eles procuram na biblioteca.

De acordo com Araújo (2008, p. 4), os primeiros estudos de usuários surgiram na década de 1930 e buscavam estabelecer uma série de indicadores demográficos, sociais e humanos das populações atendidas pelas bibliotecas (ou não atendidas, no caso dos não-usuários). O foco particular era o levantamento de dados, como uma espécie de diagnóstico, para o aperfeiçoamento ou a adequação dos produtos e serviços bibliotecários. Após tanto tempo, os motivos principais para a realização dos estudos de usuários continuam os mesmos. Castro (2000, p. 226 apud ARAÚJO, 2008, p. 4), por sua vez, diz que esses estudos são “realizados com a finalidade de avaliar a qualidade do acervo, dos serviços oferecidos pela biblioteca e o nível de (in)satisfação do público”.

Segundo Lévy (1996), a virtualização, embora seja frequentemente vista e vivida como não humana, é o movimento pelo qual se constituiu e continua a se constituir a nossa espécie. O virtual, muitas vezes considerado o contrário do real e alvo de teorias ligadas ao determinismo tecnológico, é observado por Lévy como um novo modo de existência constituído pelo ciberespaço e alimentado pela inteligência coletiva. Para o autor, a virtualidade está longe de pertencer a um mundo falso ou imaginário. Pelo contrário, ela é a dinâmica do mundo comum, através do qual compartilhamos uma realidade.

O termo inteligência coletiva, por sua vez, é entendido por Lévy (1998, p. 28 e 29) como “uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”.

Baseando-se também nas teorias de Lévy, Nicolau (2011, p. 10) diz que a inteligência coletiva é uma partilha de funções cognitivas, como a memória, a percepção e o aprendizado, as quais podem ser melhor socializadas a partir do momento em que são aumentadas e transformadas por sistemas técnicos externos ao organismo humano, como no uso da internet.

A Internet, chamada "rede das redes", caracteriza-se por dois aspectos principais. Primeiro, é um grande acervo de dados e de informações aberto a múltiplas escritas, consultas, leituras, usos e apropriações. Segundo, é uma arena ampliada geograficamente e socialmente para interação, comunicação e sociabilidade (MARTELETO, 2010, p. 32).

De acordo com Maness (2007), as redes sociais são muito importantes enquanto instrumentos de trabalho e permitem que bibliotecários e usuários não somente interajam, mas compartilhem e transformem recursos dinamicamente em um meio eletrônico. Nesse sentido,

usuários podem criar vínculos com a rede da biblioteca, ver o que outros usuários têm em comum com suas necessidades de informação, baseado em perfis similares, demografias, fontes previamente acessadas, e um grande número de dados que os usuários fornecem (MANESS, 2007, p. 48).

Segundo Fonseca (2012), "os processos de interação em rede propiciam a geração compartilhada de informação e conhecimento, resultando em aproximações e enriquecimentos recíprocos". Desse modo, os bibliotecários podem participar dessas redes tanto para manter-se interligados aos usuários e outros profissionais da área, como para ficar ciente de eventos, cursos, concursos e outras informações pertinentes ao seu campo de interesse (FONSECA, 2012).

Para Silva e Cunha (2002), com as tecnologias da informação e da comunicação (TIC's), houve a necessidade de se criar um novo perfil do profissional bibliotecário. Este deve privilegiar a criatividade, a interatividade, a flexibilidade e o aprendizado contínuo. Na sociedade da informação, "o objeto de trabalho do homem passa a ser a interação com

outros homens. O saber e a comunicação passam a ocupar a maioria das atividades humanas” (SILVA; CUNHA, 2002, p. 81).

De acordo com Castells (1999, p. 57), “as novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais”. Este novo meio de comunicação é rápido e interativo, e também modifica a nossa relação com a leitura através do surgimento de comunidades relacionadas ao compartilhamento de livros.

Considerações finais

Portanto, com base nas teorias do efeito e da recepção, acreditamos que a comunidade virtual *Skoob* atua como mediadora da informação entre os seus usuários e tem muito a oferecer enquanto ferramenta de trabalho para os bibliotecários. Como vimos, atualmente é importante interagir com os usuários por meio das redes sociais, as quais se tornaram um poderoso canal de comunicação para qualquer empresa ou instituição.

Existem várias comunidades na internet que podem ser utilizadas pelo bibliotecário, como o *Twitter*, o *Facebook*, o *Youtube* e o *Linkedin*. Porém, neste artigo apresentamos uma comunidade brasileira voltada, especificamente, para livros, leituras e leitores, particularidades que estão presentes na maioria da vida profissional dos bibliotecários.

Os usuários da *Skoob*, por sua vez, são em grande parte pessoas que já possuem o hábito da leitura. Deste modo, o incentivo à leitura em geral não deveria ser o único foco dos bibliotecários ao criarem um perfil para a sua unidade de informação. Na verdade, existem várias possibilidades de interação. Mas, como dissemos anteriormente, a comunidade virtual *Skoob* poderia ser muito útil para o estudo de usuários, a divulgação das novas aquisições de materiais e a elaboração de sinopses dos livros visando não apenas incentivar a leitura em geral, mas a diversificação e o aprimoramento das leituras.

Referências

ALMEIDA, Marco Antonio de. Mediações da cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 1-24, jan./dez., 2008. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/6/12>>. Acesso em: 29 set. 2013.

ALMEIDA, Marco Antonio de. A.; CRIPPA, Giulia. Informação, cultura e tecnologia: novas mediações para a produção e o consumo cultural. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2009.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez., 2009. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/17/39>> Acesso em: 29 set. 2013.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários: pluralidade teórica, diversidade de objetos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SENAC, 2008. CD – ROM.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 698 p.

_____. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 244 p.

COSTA, Márcia Hávila Mocchi da Silva. **Estética da recepção e teoria do efeito**. 2009. Disponível em: <http://abiliopacheco.files.wordpress.com/2011/11/est_recep_teorias_efei_to.pdf>. Acesso em: 29 set. 2013.

DAVALLON, Jean. A mediação: a comunicação em processo? **Revista Prisma.Com**, n. 4, jun. 2007. Disponível em:

<<http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/viewFile/645/pdf>>
Acesso em: 29 set. 2013.

FONSECA, Paulo Henrique Contijo. **As redes sociais online utilizadas na dinâmica de produção e apropriação da informação pelos bibliotecários**. 2012. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Centro Universitário de Formiga, Minas Gerais.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (Org). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 134-167.

_____. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**, v. 2. São Paulo: 34, 1999.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (Org). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 43-61.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996. 157 p.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998. 217 p.

MANESS, Jack, M. Teoria da biblioteca 2.0: Web 2.0 e suas implicações para as bibliotecas. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 43-51, jan./abr., 2007. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/831/1464>>. Acesso em: 29 set. 2013.

MARTELETO, Regina Maria. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 27-46, jan./dez., 2010. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/26/56>>. Acesso em: 29 set. 2013.

MENESES, Hugo Lenes; TRIDADE, Francílio B. S de M. A estética da recepção. In: MONTEIRO, Dilson Lages. **Portal entre textos**, [2000?]. Disponível em: <<http://www.portalentretextos.com.br/noticias/a-estetica-da-recepcao,204.html>>. Acesso em: 29 set. 2013.

MORAES, Dênis de. **O concreto e o virtual**: mídia, cultura e tecnologia. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 148 p.

NICOLAU, Marcos. A busca por uma web semântica cognitiva. **Revista Temática**, ano VII, n. 7, jul., 2011. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2011/Julho/web_semantica_nicolau.pdf>. Acesso em: 29 set. 2013.

SENKO, Mônica Vieira; SOARES, Edna Anita Lopes. Leitura literária e a estética da recepção e o ensino. In: SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CONTEXTO DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA. SEMANA DA EDUCAÇÃO, 19., 2007, Cascavel. **Trabalhos...** Cascavel: UNIOESTE, 2007.

SILVA, Edna Lúcia da; CUNHA, Miriam Vieira da. A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 77-82, set./dez., 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n3/a08v31n3.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2013.

SOUSA, Maressa de. O Skoob é brasileiro! **Desconstruindo as palavras**, 2013. Disponível em: <<http://desconstruindoaspalavras.blogspot.com.br/2013/03/o-skoob-e-brasileiro.html>>. Acesso em: 29 set. 2013.

VANESSA, Mara. Dose literária entrevista Viviane Lordello, co-fundadora do site Skoob. **Dose Literária**, 2012. Disponível em: <<http://www.doseliteraria.com.br/2012/12/dose-literaria-entrevista-viviane.html>>. Acesso em: 29 set. 2013.

VAZ, Paulo. Mediação e Tecnologia. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 1, n. 16. p. 45-59, dez. 2001. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3137/2408>>. Acesso em: 29 set. 2013.